
A IMPORTÂNCIA DA INTERSUBJETIVIDADE PARA HUSSERL

Nathalie Barbosa de la Cadena¹

A Filosofia ocidental no século XX sofreu uma grande mudança. A ênfase deixou de ser a investigação a partir da subjetividade transcendental e passou a ser a partir da linguagem construída intersubjetivamente. A questão é que apesar da ênfase ter modificado e a linguagem ter se tornado objeto primeiro de interesse para muitos filósofos, esqueceram-se de tematizar o problema da intersubjetividade, da qual deriva toda e qualquer linguagem com finalidade comunicativa. Em outras palavras, para se falar em linguagem, sua construção, suas regras, semântica e sintaxe, antes há que se falar da interação entre os sujeitos que a usam. A grande pergunta é: como é possível essa intersubjetividade? Como se dá essa interação entre as pessoas?

Embora muitos acusem Husserl de não ter dado destaque ao tema, a intersubjetividade não lhe escapou a atenção, muito ao contrário. Na verdade, no pensamento de Husserl, cada conceito e cada etapa do método fenomenológico, é melhor entendida à luz

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutora em Filosofia pela UFRJ.

da ideia da intersubjetividade considerando tal interação não só possível, mas necessária para a constituição de qualquer evidência. Afinal o fenomenólogo conhece bem as implicações do solipsismo e tem a todo momento a preocupação de superar tal dificuldade.

Filósofos contemporâneos, como Apel² e Habermas³, insistem em criticar a clássica filosofia da subjetividade baseada nos pensamentos de Descartes, Kant e Husserl, por considerarem que a filosofia transcendental padece de um incorrigível solipsismo metodológico que a torna incapaz de explicar a intersubjetividade. A solução seria substituir o paradigma da Filosofia Ocidental, ao invés de partir da subjetividade transcendental, da razão e/ou consciência, a Filosofia deveria assumir uma perspectiva intersubjetiva, linguística e pragmática.

A fenomenologia é especialmente criticada por esses filósofos, pois consideram que a teoria da intencionalidade simplesmente ignora as condições intersubjetivas, linguísticas, socioculturais e históricas. Não haveria tal coisa como intenções pré-linguísticas, o significado não seria fundado na experiência intencional que intui a essência do seu objeto. Seria exatamente o contrário, a intencionalidade só seria possível por haver uma profunda pragmática formal da linguagem na qual ela se basearia. Em outras palavras, as vivências só seriam transformadas em conteúdos intencionais quando os estados físicos provocados por elas fossem traduzidos a partir de uma estrutura linguística da intersubjetividade.

Portanto, a verdade não seria inferida a partir da experiência subjetiva, do exercício da racionalidade, ou de uma dedução transcendental. A verdade seria a expressão de uma pretensão de validade manifesta intersubjetivamente através da linguagem. Isso porque, a verdade não é para ser solicitada de maneira privada, mas

² APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia I - Filosofia analítica, semiótica, hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2000. Pág. 41.

³ HABERMAS, Jürgen. *Postmetaphysical Thinking*. Translated by William Mark Hohengarten. Pág. 44.

sob uma base linguística e argumentativa, solicitada através de uma pretensão crítica de validade, e seu significado seria medido pela potência de atingir o consenso. No entanto, especialmente Apel⁴, não quer descartar o transcendental, mas renová-lo. O transcendental ganharia uma nova versão, não seria mais a unidade da consciência do objeto e de si, mas a unidade de interpretação intersubjetiva. A unidade não seria evidente, deveria ser atingida. Conforme explicita Zahavi: “ *The transcendental synthesis of apperception is thus replaced by an intersubjective process of forming a consensus, and the transcendental subject is transformed into a linguistic community.*”⁵

Apesar das críticas, a Fenomenologia husserliana trata sim de intersubjetividade e de linguagem. Em várias obras a intersubjetividade é especificamente tematizada como em *Ideias* e *Crisis*. Na Husserliana, em especial, os volumes 13, 14 e 15 são inteiramente dedicados a intersubjetividade, sob o título *Zur Phanomenologie der Intersubjektivitat*, ainda sem tradução para o inglês, espanhol ou português. Ademais, em alguns manuscritos não publicados, Husserl aborda a intersubjetividade como cita Zahavi no livro *Husserl and Transcendental Intersubjectivity – a response to the Linguistic-Pragmatic Critique*. Do mesmo modo a linguagem também é tematizada nas *Investigações Lógicas, Lições sobre a Teoria da Significação, Lógica dos Sinais e Ideias*. Sendo assim, Husserl não só dedica-se aos temas da intersubjetividade e da linguagem em profundidade, mas oferece uma proposta fenomenológica bastante coerente com os pressupostos de seu sistema filosófico, supera em muitos aspectos teorias da linguagem a ele contemporâneas e ainda responde às críticas sobre as “aporias” de uma filosofia transcendental.

Neste sentido, o método fenomenológico não isola o sujeito

⁴ APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia II – O a priori da comunidade de comunicação*. São Paulo: Loyola, 2000. Pág. 218.

⁵ ZAHAVI, Dan. *Husserl and Transcendental Intersubjectivity – a response to the Linguistic-Pragmatic Critique*. Translated by Elizabeth A. Behnke. Athens: Ohio University Press, USA, 2001. Pág. xix.

do mundo. Aliás, o esforço é exatamente no sentido contrário, entender o sujeito como inserido, como parte de, como constituído na relação com o mundo da vida. E, os conceitos fundamentais da Fenomenologia, como a consciência intencional, as intuições empírica e eidética, a *epoché*, a redução eidética e a redução transcendental, pressupõe essa relação do agente de conhecimento com os objetos, a evidenciação do mundo, como dado, existente, disponível, e a constituição das vivências sempre na relação entre os sujeitos cognoscentes e os objetos de conhecimento, incluindo nestes os outros *eus*.

A consciência intencional é sempre '*consciência de*', está sempre direcionada para algo diferente de si mesma, é despertada pelo mundo, pelos estímulos, pela necessidade de interação, pela curiosidade de entender o mundo da vida no qual está inserida, pela inevitável relação com o outro. Assim, não é possível realizar um ato de consciência que não seja preenchido por um objeto de conhecimento, por uma vivência. A separação entre *noese* e *noema* é meramente didática. A *noese*⁶ (ação da consciência) tem sempre como conteúdo um *noema*⁷ (objeto da consciência, vivência). O pensar é sempre pensar em algo fora e diferente de si mesmo.

Não se deve ler Husserl impregnado do pensamento cartesiano ou do pensamento kantiano. A fenomenologia não padece de um solipsismo metodológico como ocorre com o pensamento cartesiano. E também, o objeto de conhecimento da fenomenologia não é um *a priori* transcendental. O *a priori* fenomenológico é transcendente, está no mundo. Portanto, para Husserl, a consciência não está voltada para si mesma, a solicitação da verdade não se dá de maneira isolada do mundo. Isso não quer dizer que Husserl não seja um idealista

⁶ HUSSERL, Edmund. Ideas pertaining to a purê phenomenology and to a phenomenological philosophy. First Book. Translated by F. Kersten. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983. Pág. 226.

⁷ HUSSERL, Edmund. Ideas pertaining to a purê phenomenology and to a phenomenological philosophy. First Book. Translated by F. Kersten. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983. Pág. 213.

transcendental, e nesse sentido é um legítimo filho da Filosofia Ocidental, da filosofia transcendental. O idealismo transcendental⁸ husserliano significa apenas que o local de evidenciação do mundo é a consciência, todo o processo de conhecimento se dá na dimensão transcendental, mas em nenhum momento isso significa que o sujeito está preso a ela.

Husserl é, também, parte da tradição cartesiana e kantiana que colocou a epistemologia como disciplina fundante da metafísica, da psicologia e das demais disciplinas, no entanto, renova o papel da consciência no processo de conhecimento. Nosso filósofo, como parte dessa tradição, considera primeiro necessário responder sobre a possibilidade, limites e condições do conhecimento, para só então avançar para as demais áreas do saber. Em termos fenomenológicos, a análise da intencionalidade⁹ é anterior, fundante, e deste modo, está livre da contaminação de pressupostos ontológicos e metafísicos. A intencionalidade fenomenológica abre-se para o mundo, quer desvendá-lo, olhar para a coisa mesma, tal qual é, tal qual se apresenta.

Portanto, na *intuição* é preciso distinguir três temas inseparáveis: primeiro, o ego direcionado a alguma coisa, a consciência para qual o mundo se revela; segundo, a aparência de algo dado em um ato, o fenômeno; terceiro, a coisa mesma como unidade objetiva 'dada em' e 'através de' suas aparências, o mundo da vida e seus objetos constituintes. Apesar de idealmente inseparáveis, esses três temas são analisados separadamente e o ponto de partida da fenomenologia não é o ego, mas o mundo da vida percebido como "normal", como simplesmente lá, disponível.

A *intuição* é dada. O objeto intencionado não é uma fabricação da mente humana. A intuição jamais deve ser confundida com a

⁸HUSSERL, Edmund. Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. First Book. Translated by F. Kersten. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983. Pág. 109-111, e 128 e seguintes.

⁹HUSSERL, Edmund. Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. First Book. Translated by F. Kersten. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983. Pág. 199.

imaginação, assim como a constituição jamais deve ser tomada como criação, mas como evidenciação. A intuição fenomenológica é a tomada de consciência de algo que está fora, torna algo diferente de si em objeto para si, é o aparecer, o manifestar-se do objeto para a consciência, aquele objeto é um objeto para uma consciência, o fenômeno é apreendido pelo sujeito cognoscente, que o torna seu. A consciência é um pólo para o qual convergem os fenômenos, é uma consciência focalizadora que tem o mundo como seu alvo, não consegue apreendê-lo em sua completude, mas consegue, ao menos, apreendê-lo através de suas vivências, sucessivamente e gradativamente. Só então tem início o processo de constituição, de evidenciação, do mundo. Compreender o mundo é um trabalho realizado pela consciência, mas não uma consciência isolada do mundo, ao contrário, uma consciência alimentada pelo mundo, pois seus conteúdos vêm das vivências, e é também retro-alimentada pelo mundo uma vez que os sentidos doados aos objetos são constituídos na relação do eu com os outros.

A *intuição* pode ser empírica, individual, ou pode ser a intuição eidética, intuição da essência¹⁰. De todo modo, tanto em um caso como no outro, será sempre a intuição de algo diferente do agente de conhecimento, independente dele. Tanto é assim que os sentidos que posso doar a um determinado objeto são limitados por sua essência. Simplesmente não é possível violar determinadas leis da lógica, como o princípio da não-contradição, e da natureza, como a lei da gravidade. Posso desejar que um objeto seja ao mesmo tempo e na mesma relação inteiramente branco e inteiramente preto, mas isso não passará de um desejo. Até pensar em tal possibilidade é difícil, para não dizer impossível, ou se é inteiramente branco, ou se é inteiramente preto. Do mesmo modo, posso desejar violar as leis da natureza, e posso até tentar fazê-lo, mas as consequências

¹⁰ HUSSERL, Edmund. Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. First Book. Translated by F. Kersten. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983. Pág. 11-12.

provavelmente não serão desejáveis. Por exemplo, posso sonhar voar, simplesmente subir no alto do um edifício e escapar de todo engarrafamento, ir ao trabalho flinando, admirando a paisagem, a praia, as montanhas, mas é só um desejo. Se subir no alto do prédio e com pensamento firme, desejando de todo coração, voar, e me jogar, não será esse o resultado. Isso porque? Ora, porque o objeto é intuído, não é criado por mim. O objeto preenche minha cognição, é apreendido como fenômeno, como algo que se manifesta, que aparece, dado na vivência, e não fruto da minha imaginação, a essência do fenômeno já vem com ele, até posso variar algumas características, doar novos sentidos, mas sempre estarei limitada por sua essência.

A *epoché*¹¹, a atitude fenomenológica, descrita nas *Ideias* com riqueza de detalhes, é o ponto de partida do método fenomenológico e já o distancia de todo solipsismo, pois pressupõe desde o princípio o mundo da vida a sua volta, o sujeito como inserido, como 'parte de'. É tarefa da fenomenologia entender o mundo e, para tanto, o primeiro passo é assumir a atitude fenomenológica (oposta à atitude natural de encobrimento do mundo, dos fenômenos) e assim esforçar-se para compreender a realidade como algo independente da subjetividade e, posteriormente, distinguir entre os objetos que a compõem. A *epoché* permitirá, então, o cumprimento do princípio primeiro da fenomenologia, ver toda intuição originária como a verdadeira fonte do conhecimento. É dizer, aceitar o mundo como se apresenta, olhar para as coisas mesmas, sem qualquer expectativa, sem legislar sobre o mundo, sem querer encaixar os acontecimentos em categorias prévias, ideias transcendentais que norteariam a experiência, é exatamente o contrário, deve-se abandonar a atitude natural de encobrimento, e aceitar o mundo tal qual é, tal qual se apresenta. Não é à toa que Husserl chama

¹¹ HUSSERL, Edmund. Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. First Book. Translated by F. Kersten. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983. Pág. 60.

a Fenomenologia de empirismo superior¹². Superior porque o empirismo volta-se para mundo, mas ainda o olha encobrendo-o, cheio de expectativas. A Fenomenologia pretende justamente abandonar essa atitude. Enquanto o empirismo está limitado aos dados de fato, a fenomenologia busca descrever as essências.

Quer dizer, a *redução eidética* só é possível porque a essência é dada, é *a priori*, não no sentido kantiano, mas no sentido fenomenológico, seu lugar é o mundo, nada mais é do que a manifestação de uma necessidade ontológica, reflexo de um universal. A essência não é uma criação do sujeito, fosse assim, não seria essência, pois não seria nem universal nem necessária, estaria sempre ao sabor dos humores, dos acordos, variando no espaço e no tempo.

Também a *redução transcendental* traz em si a ideia de agente de conhecimento inserido no mundo, constituído na relação com o mundo e seus objetos. Pois, na redução transcendental o sujeito se dá conta de que é agente do conhecimento. Ocupa posição privilegiada em relação ao mundo, pois cumpre o papel de desvendá-lo, mas isso não significa que o sujeito possa corromper o mundo, suas leis, suas essências, sua estrutura ontológica. Essa é, mais uma vez, *a priori*, cabe ao sujeito buscar compreendê-la incansavelmente.

Todos esses conceitos revelam que Husserl entende o sujeito como agente de conhecimento inserido no mundo, parte de uma rede de relações com todos os objetos que compõem esse mundo, objetos esses que não são apenas objetos reais concretos e inanimados, mas são objetos reais animados, seres animados, seres dotados de consciência, vontade, sentimento, capacidade de julgamento, criatividade e linguagem, egos transcendentais.

¹² HUSSERL, Edmund. Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. First Book. Translated by F. Kersten. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983. Pág. 15.

Seres que são reconhecidos por um ato de consciência específico chamado, empatia.

Através da empatia sou capaz de compreender os sentimentos do outro, posso não concordar, posso considerar exagerado, posso considerar imotivado, ou impróprio, mas ainda assim, até para que seja possível fazer um juízo de valor, preciso antes compreender o sentimento do outro. O sentimento, continua sendo do outro, não tenho a sua vivência originária. A vivência é exclusivamente do outro, não sinto sua alegria ou tristeza, não sinto sua dor ou satisfação, mas posso compreender, como um ato de consciência, o que Scheler¹³ chama de 'sentir com o outro'.

E ainda para Scheler é possível mais, 'simpatizar com'. Posso ter compaixão para com o outro, ter cuidado, afeição, amor. Aí sim, é mais do que um ato de consciência, é mais do que a compreensão, inclui o sentir. O sentimento que, para Scheler, é fundamental para qualquer ação moral. O sentir nos dá motivação, nos tira da inércia. Uma coisa é uma apreensão intelectual de um fato, outra coisa é o sentir. O sentir impulsiona à ação.

Portanto, quando Husserl explica em sua gnosiologia (ou epistemologia) a relação necessária entre o sujeito agente de conhecimento e os objetos, os fenômenos, não está apenas propondo a relação entre o sujeito e objetos inanimados, mas sim, explicando a relação entre esse sujeito e todo e qualquer objeto de conhecimento. Não há separação entre ato de consciência e objeto do ato de consciência, sendo que esse objeto é sempre transcendente. Para Husserl, não temos qualquer conteúdo inato ou *a priori*, em sentido kantiano, todo conteúdo dos atos de consciência vem de fora, do mundo da vida. Por isso, assim como tenho uma relação com o objeto que pode ser natural, cognoscitiva, afetiva,

¹³ SCHELER, Max. *Esencia y formas de la simpatía*. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 2004. p.128-129.

contemplativa, dentre outras, também posso ter uma relação com os outros egos. A diferença entre um objeto e outro não é dada pela limitação das minhas ferramentas cognoscitivas, mas pelo próprio objeto de conhecimento. No caso dos saberes humanos, o objeto será, evidentemente, os seres humanos em sua dimensão física, psíquica e/ou espiritual. Daí, todas as dificuldades que podem implicar o conhecimento desse objeto tão complexo e peculiar, pois é ao mesmo tempo agente de conhecimento e objeto de conhecimento.

O objeto de conhecimento, nesse caso, é também dotado de uma essência, é uma manifestação de uma necessidade ontológica, universal e necessária. A essência do outro, tal qual a minha, inclui racionalidade forte e autodeterminação, inclui criatividade e linguagem. Não qualquer linguagem, linguagem complexa que pretende descrever e compreender o mundo, incluindo objetos reais, formais e ideais.

Além disso, a todo momento Husserl demonstra uma constante preocupação com a finalidade do conhecimento. Exposta de maneira clara na primeira parte das *Investigações Lógicas*¹⁴, em sua crítica ao psicologismo e ao naturalismo, e também na *Fenomenologia e a crise da filosofia*, citação abaixo. O conhecimento não pode ser apartado de uma preocupação ética. O conhecimento deve estar sempre subordinado a fins. Abandonar esse norte teleológico pode gerar uma grande crise, como a que Husserl identifica estar vivendo a Europa em sua época. Afirma:

“To live as a person is to live in a social framework, where in I and we live together in community and have the community horizon. Now, communities are structured in various simple or complex forms, such as family, nation, or international community. Here the word “live” is not to

¹⁴ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*. Tradução: Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia de Lisboa, 2007.

be taken in physiological sense but rather as signifying purposeful living, manifesting spiritual creativity – in the broadest sense, creating culture within historical continuity.”¹⁵

O sentido teleológico dado a ação distancia o agente de uma satisfação imediatista, e o coloca em perspectiva. A finalidade do conhecimento (e de toda ação) não pode ser egocêntrica, mas o conhecimento deve estar a serviço da comunidade. O conhecimento desvinculado da ideia de fim, distancia-o de seu valor norteador, a Verdade, e de todos os demais valores superiores. Deste modo, o conhecimento acaba sendo usado como meio, para o atingimento de valores inferiores, meio de satisfação de valores efêmeros que resultam em opressão e violência. O progresso pelo progresso, a ciência como panaceia para todos os problemas, leva a uma disputa sem limites, o uso do conhecimento como instrumento de concentração de poder, não como meio para melhorar a vida das pessoas. Zahavi, no mesmo sentido, afirma: *“according to Husserl, this responsibility also turns out to have intersubjective dimensions, for the self-responsibility of the individual includes a responsibility to and on behalf of the community as well.”*¹⁶ Pois, é a responsabilidade da pessoa que impulsiona no sentido da evidência definitiva, a evidência da Verdade, e dos demais valores superiores.

Deste modo, os principais conceitos de Husserl não podem ser plenamente compreendidos sem estarem a todo tempo sob a luz da intersubjetividade e de uma preocupação ética. E mais do que isso, a intersubjetividade é fundamental para a constituição da objetividade, da realidade e da transcendência, pois nenhuma dessas pode ser constituída por um ego isolado. Essa sociabilidade intersubjetiva transcendental é a base sobre a qual a verdade e as

¹⁵ HUSSERL, Edmund. *Phenomenology and the Crisis of Philosophy*. Translated by Quentin Lauer. New York: Harper Torchbooks, 1965. Pág. 150.

¹⁶ ZAHAVI, Dan. *Husserl and Transcendental Intersubjectivity – a response to the Linguistic-Pragmatic Critique*. Translated by Elizabeth A. Behnke. Athens: Ohio University Press, USA, 2001. Pág. 3.

essências são intencionadas e constituídas. Neste sentido, Zahavi¹⁷ afirma que o problema da intersubjetividade transcendental consiste precisamente em clarificar a contribuição da intersubjetividade na constituição da objetividade.

O foco é a constituição da intersubjetividade. Posto de outra forma, como a experiência dos outros egos ocorre? Esse problema precisa ser abordado de maneira fenomenológica, ou seja, não é possível realizar uma meta-análise acima da experiência individual, como um terceiro a investigar um evento, também não é possível partir de uma ideia de consciência coletiva. Para a fenomenologia, o ponto de partida é sempre a consciência individual, e o objeto de investigação é a vivência individual. Mas aí, podemos retornar a pergunta: não estaria o ego preso a si mesmo, num solipsismo? Sim, a constituição do *alter ego* é um desafio para a fenomenologia, mas considerar a consciência como ponto de partida como local da reflexão, da intuição e da constituição não significa restringir a consciência e suas vivências à esfera egológica. Husserl é um idealista transcendental, o que significa que o local de constituição do mundo é a consciência transcendental, mas o conteúdo das vivências, como já dito, não depende da minha consciência, não é uma criação, ou fruto da imaginação. Dentre os objetos vivenciados, estão os objetos reais, e dentre os objetos reais, estão os outros egos. Assim, quando o sujeito realiza a redução transcendental percebe a si mesmo como agente, em uma posição de conhecimento, mas também percebe a si mesmo como membro de uma comunidade de egos, percebe os outros e sua relação com eles, outras consciências transcendentais.

Podemos dizer que de uma perspectiva epistemológica, o eu é anterior ao mundo e os outros eus. O eu constitui, em sentido fenomenológico, a realidade. A consciência é tão somente o local de

¹⁷ ZAHAVI, Dan. Husserl and Transcendental Intersubjectivity – a response to the Linguistic-Pragmatic Critique. Translated by Elizabeth A. Behnke. Athens: Ohio University Press, USA, 2001. Pág. 16.

evidenciação da realidade. No entanto, na perspectiva ontológica, isso não se aplica. O mundo da vida é anterior a consciência individual. O mundo da vida está aí, disponível, existente, independente de mim, funcionando com sua própria ordem, leis e regras. É o eu que está inserido no mundo da vida e que se esforça para desvendá-lo. Não se pode confundir as duas perspectivas. O ego é parte da realidade dada. Está sim, numa posição privilegiada, pois é um ser capaz de conhecer essa realidade, mas não está só, pois dentre os objetos que compõem a realidade temos os outros egos (e a si próprio). Ademais, a realidade tem um funcionamento próprio regido pelas leis da lógica, da natureza, e até, as leis sociais que escapam ao controle do ego individual. A realidade se impõe, e o 'eu' é, antes de tudo, membro de uma comunidade de outros eus.

O mundo é o mundo de todos¹⁸. O mundo é vivenciado como um mundo comum, comum a todos os egos. Isso é possível para a fenomenologia porque o lugar do *a priori* não é a consciência individual, o local do *a priori*, do universal e necessário, é o mundo. O mundo e seus objetos contingentes nada mais são do que uma manifestação de uma estrutura ontológica necessária. Essa estrutura não existe apenas para mim, mas para todos os egos. É por essa razão que, para a fenomenologia, o individual particular sempre se apresenta à consciência através do universal. E, neste sentido, o próprio Husserl¹⁹ admite uma nova abordagem no realismo platônico.

Agora, para a fenomenologia, as características acidentais são variáveis, mas as essências, e a estrutura ontológica, não. Um exemplo simples, emprestado de Descartes, 'todo corpo é extenso'. Isso é uma tautologia. É da essência de todo corpo ocupar lugar no espaço, ter extensão. Não é possível mudar essa característica

¹⁸ HUSSERL, Edmund. Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. First Book. Translated by F. Kersten. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983. Pág. 55.

¹⁹ HUSSERL, Edmund. Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. First Book. Translated by F. Kersten. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983. Pág. 40-42.

essencial. É uma característica que, se tirar do objeto, ele deixa de ser o que é e passa a ser outra coisa. Toda característica essencial é válida para todo e qualquer agente de conhecimento. Assim, o mundo de um é o mundo de todos. Daí a importância de se afirmar o realismo ontológico como fundamento de toda a fenomenologia husserliana, o mundo é independente de toda e qualquer subjetividade. Paralelamente, temos outro exemplo de inspiração cartesiana: 'todo corpo é pesado'. Esta é uma característica accidental que pode variar no espaço, dependendo de onde esse corpo se encontra, seu peso variará.

Ainda assim, resta a questão: a experiência do outro é sua própria, não compartilho a experiência originária, não vivencio o que o outro vivencia, não sinto o que o outro sente. As vivências podem ser distintas. Sim, é verdade, mas há um limite nessa variação, limite esse dado pela essência do objeto vivenciado, e não é só por isso, pelas leis que regem as relações de tal objeto. Mais um exemplo, é possível andar sobre brasa ardente, mas não posso evitar as consequências físicas de tal atividade. No entanto, a maneira como cada pessoa irá encarar tal experiência pode ser absolutamente diferente, uma pessoa pode entender tal experiência como purificadora, outro pode achar um total despropósito. Não posso violar as leis da lógica como o princípio da não-contradição. Não posso, se quer, violar as leis da natureza. Assim, a vivencia pode sim variar, no limite que a realidade permite, ou melhor, no limite que as essências permitem.

Agora, é mais do que isso. A constituição de outros egos permite que eu tenha certeza da realidade como algo independente²⁰, permite que compreenda as características dos objetos de maneira ainda mais precisa, permite a evidenciação das leis que governam o mundo da vida. Nas palavras de Husserl:

²⁰ HUSSERL, Edmund. Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. First Book. Translated by F. Kersten. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983. Pág. 363.

“Although essentially founded in physical realities which, for their part, are founded in physical realities, these communities prove to be novel objectivities of a higher order. Universally it is shown that there are many sorts of objectivities which defy all psychologistic and naturalistic misinterpretations. Such are all kinds of value-objects and practical objects, all concrete cultural formations which determine our actual life as hard realities, such as the state, the law, custom, the church, and so forth. Objectnesses must be described with respect to fundamental kinds and in their hierarchies just as become given, and the problems of constitution set solved for them.”²¹

É porque vivencio o outro ego que posso vivenciar a objetividade transcendente. A vivência de outros egos, e a vivência de um objeto com outros egos, a vivência conjunta, permite que aprimore a minha visada do mundo, a compreensão dos objetos torna-se mais clara e distinta. Neste sentido, citamos Husserl *apud* Zahavi: “*Here we have the only transcendence that is worthy of the name – and everything else that is still called transcendence, such as the objective world, rests on the transcendence of foreign subjectivity.*”²²

Assim, a constituição do mundo e de seus objetos está permanentemente em progresso. É possível doar aos objetos novos sentidos, nos limites de suas essências. Isso se aplica aos objetos ideais, formais e reais, nos quais estão incluídas as pessoas. Essas são dotadas de uma essência imediatamente apreendida pelo ato de consciência chamado empatia. Não apenas o reconhecimento, mas a compreensão de seus sentimentos é possível. Segundo Scheler²³, é possível um ‘simpatizar com’.

E, além disso, é a vivência com os outros egos que permite a compreensão de mim mesmo como membro de uma comunidade de

²¹ HUSSERL, Edmund. Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. First Book. Translated by F. Kersten. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983. Pág. 365.

²² ZAHAVI, Dan. *Husserl and Transcendental Intersubjectivity – a response to the Linguistic-Pragmatic Critique*. Translated by Elizabeth A. Behnke. Athens: Ohio University Press, USA, 2001. Pág. 33.

²³ SCHELER, Max. *Esencia y formas de la simpatía*. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 2004. p.128-129.

eus. Reconhecer o outro implica em reconhecê-lo como semelhante, o outro é dotado de consciência, criatividade, vontade, sentimentos, liberdade. Reconheço, portanto, uma reciprocidade entre mim e o outro. Há um compartilhamento de características essenciais. Do mesmo modo que objetifico o outro na tentativa de compreendê-lo, o outro também me toma como seu objeto de conhecimento. Deste modo, a experiência de mim mesmo passa a ser mediatizada pela experiência do outro que me olha também como objeto, pois eu também sou um *alter ego* para o outro, o outro me objetifica e permite que eu olhe para mim mesmo como terceiro, e como membro de uma comunidade de eus.

Para Husserl, a constituição comunal do mundo é condição de possibilidade para existência de sujeitos separados uns dos outros, e esse entendimento recíproco só é possível através da constituição transcendente da objetividade. Assim, não há uma separação entre a intersubjetividade e a constituição do mundo, é a comunidade de eus que doa sentidos às objetividades. Sempre lembrando que todo e qualquer sentido que é dado a um objeto deve repousar e ser compatível com sua essência.

A comunidade de eus é, portanto, fundamental para a compreensão do mundo, dos objetos. Normalmente, quando pensamos em objetos pensamos em objetos reais, e dentre esses, os objetos concretos, mas pensemos nos objetos ideais, nos valores. Como seria possível compreender tais objetos sem o outro? Sem uma comunidade de eus que doasse sentido, que respeitasse a hierarquia de valores, mas que, em dado momento, também a desrespeitasse e exigisse uma reação por parte do eu, do nós, da comunidade, podemos dizer que seria praticamente impossível compreender os valores.

Pensar na cognição dos objetos é pensar que esses objetos são

constituídos de maneira comunal. Não no sentido de criados, mas no sentido de evidenciados. Nós, seres humanos, doamos sentido aos objetos, temos dele diferentes vivências e visadas, compreendemos o que lhe é contingente e sua essência.

Portanto, podemos dizer que a fenomenologia tem na intersubjetividade um de seus pilares, é um tema de vital importância para a compreensão da fenomenologia husserliana.

